

Acervo (auto) biográfico de Coriolano Benício

João Paulo Borges da Silveira¹

Resumo

O presente trabalho é parte da pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas e versa sobre o acervo (auto) biográfico a partir do acervo pessoal de Coriolano Benício (1911-1984), cidadão rio-grandino que participou das cenas artístico e cultural de sua cidade, tendo atuado como jornalista, teatrólogo, carnavalesco e poeta. O acervo no geral compreende o período de 1913 a 1982, sendo os documentos manuscritos o *corpus* documental desta reflexão, já que são de cunho autobiográfico, possibilitando estudos biográficos a partir de seu acervo.

Palavras-chave: Patrimônio Cultural. Acervo pessoal. Biografia. Coriolano Benício.

Introdução

O presente trabalho se origina a partir da pesquisa que está sendo desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural (PPGMP) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), nível de mestrado, tendo como foco a gestão do acervo pessoal de Coriolano Benício, sob orientação da profa. Dra. Isabel Porto Nogueira. Parte-se de um recorte temático a partir da referida pesquisa para as reflexões de acervos pessoais como fontes para estudos do gênero biográfico e autobiográfico, tendo como plano de fundo o acervo pessoal de Benício.

Coriolano Mário de Araújo Benício (1911-1984), cidadão rio-grandino participou nas cenas artística e cultural de sua cidade e região. Em seu percurso profissional atuou como jornalista em diversos meios de comunicação da cidade e como corresponde de jornais da região, tendo inclusive dirigido o seu primeiro jornal “O Tagarella”, com 18 anos de idade; teatrólogo, dirigiu, atuou e escreveu textos teatrais para dezenas de companhias de teatro, percorrendo diversas cidades do Estado do Rio Grande do Sul (RS); foi um dos fundadores da “Companhia de Teatro Amador Beira-Mar”, que permaneceu ativa por mais de meio século na cidade do Rio Grande; atuou como carnavalesco em sua cidade, fundando o “Clube Carnavalesco e Corpo Cênico Irresistíveis”, com festejos de rua e em salões de bailes, tendo

¹ Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Mestrando pelo Programa de Pós-graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: joao-pbs@hotmail.com.

desfilado no carnaval rio-grandino até a década de 1980; a sua vertente letrada manifestou-se como sendo um dos fundadores da “Academia Rio-grandina de Letras” (ARL) e da também “Casa do Poeta Rio-grandino”, foi escritor de contos, poesias, peças teatrais e de dois livros, entretanto só se tem notícias da preservação de apenas um deles, chamado de “O Cinzeiro”.

Parte do acervo pessoal de Coriolano Benício foi doado ao Centro de Documentação Histórica (CDH) da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) na década de 1980. O acervo compreende documentos manuscritos de cunho pessoal, documentação jurídica e contábil das instituições no qual participou, fotografias, cartas, cartões, cartazes e folders com anúncios de peças teatrais e filmes em exibição nos teatros e cinemas da cidade do Rio Grande, recortes de jornais, revistas de entretenimento da região e nacionais, além de desenhos referentes ao carnaval rio-grandino. Há outros fragmentos documentais do acervo pessoal de Benício com outras pessoas/instituições, como em outro órgão da FURG e em mãos de pessoas amigas de Benício.

O acervo é composto por cerca de 5.400 documentos arquivados em 30 pastas e cerca de 1.000 exemplares de revistas dispostas em 27 caixas de arquivo, compreendendo o período de 1913 a 1982. Os documentos manuscritos perfazem um total de cerca de 360, que são desde folhas soltas a cadernos pequenos completos com anotações. Nos documentos manuscritos, Benício deixou relatados os fatos marcantes de sua vida, segundo o mesmo, desde seu nascimento. Não há datação na escrita dos documentos, em alguns deles há menções a temporalidade, mas não se pode afirmar com certeza o período exato, se deduz que foram escritos em épocas diversas e não apenas em um único momento de sua vida.

O presente trabalho então é fruto de leituras e reflexões sobre o gênero biográfico e autobiográfico que tenho realizado já há algum tempo, tendo como plano de fundo o acervo pessoal de Coriolano Benício. Não se pretende aqui esgotar todas as análises das amplas possibilidades de estudos do tema, mas sim trazer as minhas reflexões sobre a temática em questão e que tenho realizado a partir do referido acervo e instigar o leitor a repensar nas formas e maneiras de se ler, narrar e contar *histórias* de vida.

Gênero biográfico e autobiográfico

A biografia vem ganhando força na historiografia mundial e brasileira nas últimas décadas, ampliando-se o campo de debate sobre a escrita da própria História quando se refere ao gênero biográfico. As biografias podem ser produzidas por vertentes historiográficas, jornalísticas ou literárias, conforme o biógrafo e o público que se deseja atingir, mas com

lacunas no seu modo de escrita. Pois bem como afirma Pimenta (2009), tais vertentes e seus procedimentos metodológicos não são passíveis de combinações entre si nesse tipo de trabalho, tendo cada área meios específicos de escrita.

Ainda sobre as diferenças da escrita de biografias por jornalistas e historiadores, Schmidt (1997) refere-se que ambos tiveram influências da literatura. Contudo, a História trabalha com a crítica as fontes e nela deve-se basear para a sua escrita. A História não está livre do uso da ficção por parte do historiador, mas caso o faça, deve salientar ao leitor tal utilização. Já as biografias elaboradas por jornalistas, apresentam liberdade no cunho ficcional, o que não são necessariamente caracterizam pura invenção do autor e apresentam melhor fluidez na escrita e leitura, já que em alguns casos a escrita de historiadores é considerada muito acadêmica, por vezes a escrita jornalística acaba chamando mais a atenção do leitor do que o estilo historiográfico.

O gênero biográfico tido como até então por uma *história historicizante*, do culto aos grandes heróis da História, com questões ligadas a política e a economia, ganha novos rumos e possibilidades com a Nova História Cultural. A busca pelo homem comum proposta pela análise da Micro-História permitiu novos olhares a outros indivíduos, ao estudo de trajetórias de pessoas tidas como comuns, como o moleiro Menocchio, de Carlo Ginzburg, permitindo trabalhar com uma determinada época histórica a partir do estudo de um indivíduo ou um grupo de indivíduos, entendendo esse(s) personagem(ns) inserido(s) nesse contexto, já que “uma vida pode contar outras tantas” (DEL PRIORE, 2009, p. 10).

Em contraposição ao uso das biografias para glorificar personalidades com destaque sociais, Schmidt afirma que as biografias também podem mostrar tais indivíduos como cidadãos comuns, “a fim de demolir mitos (transformando-os em “gente como a gente”) ou simplesmente para saciar a curiosidade dos leitores” (p. 4). Este último caso, muito utilizado no meio jornalístico, no qual se utiliza de expressões fortes e da invasão na intimidade do indivíduo pesquisado para que a obra alcance maior popularidade e expressão comercial.

Souza (2007) resume pelo viés das Ciências Sociais três pontos importantes para se pensar em estudos do gênero biográfico, que são: *trajetória* por tempo cronológico, não há como refazer os passos e vivências de um indivíduo, a autora aponta Bourdieu pela questão da “ilusão biográfica”; *configuração* que aborda formas simbólicas e culturais dos cenários e redes sociais no qual o indivíduo está inserido; e, as *experiências* dos indivíduos, que são complexas para poder-se desvenda-las por completo, há também de se pensar nas experiências de vida do biógrafo.

Para Twain (apud SCHMIDT, 2004, p. 134) “as biografias são apenas as roupas e os

botões da pessoa. A vida da própria pessoa não pode ser escrita”, ou seja, a escrita torna-se uma fragmentação do personagem, que será marcado pelas superficialidades dos fatos de sua vida. Tendo em vista que o que é sempre descrito, são momentos da vida do indivíduo sobre um ou mais pontos de vistas determinados.

Borges (2009 *apud* AVELAR, 2010) aponta um dos grandes desafios da escrita de biografias, que é a subjetividade do biógrafo em relação à tarefa que tem pela frente. Pois segundo o autor, ao “falar do seu personagem, o biógrafo, de certa forma, fala de si mesmo, projeta algo de suas emoções, de seus próprios valores e necessidades” (p. 166). Mas a subjetividade do pesquisador, com o objeto a ser trabalhado, não é exclusividade do biógrafo, o historiador ao lidar com suas fontes precisa se cercar de certas atenções consigo mesmo, para a realização do seu ofício, para que sua escrita não seja tendenciosa, uma busca constante e continua pela imparcialidade.

A relação do indivíduo e seu contexto são abordados por Schmidt (2004), no qual o biografado “a cada momento de suas vidas, têm diante de si um futuro incerto e indeterminado, diante do qual fazem escolhas, seguem alguns caminhos e não outros” (p. 139). Como mencionado pelo autor, o então *futuro* do biografado já é *passado* para nós (enquanto biógrafos), cabe ao pesquisador, com os procedimentos metodológicos que for utilizar, compreender os caminhos que levaram o biografado a tal fato e não outro, cuidando para não recorrer em críticas ou elogios, já que não deve(ria) ser este o papel da biografia e nem da invenção, quando não se tem as respostas para todas as suas perguntas.

Como afirma Levi (1998), o contexto pode auxiliar na compreensão de alguns fatos presentes nas lacunas documentais, mas não preenchem tais lacunas, não deve ser encarado para mascarar as perguntas sem respostas. O contexto torna o personagem um fio-condutor para a compreensão das suas relações com a sociedade (SCHMIDT, 2000).

Ainda em relação ao contexto no qual o indivíduo está inserido, Pimenta (2009) nos diz que “os personagens podem nos ajudar a explicar o contexto, mas não serão capazes de esgotá-lo, bem como, num sentido diametralmente oposto, o contexto não será capaz de explicar as ações desses personagens” (p. 10). O contexto é um importante aliado para a compreensão da trajetória do indivíduo, pois nos permitirá saber algumas de suas decisões pessoais, como por exemplo, porque optou em atuar em tal área em detrimento a tantas outras profissões. Mas deve-se levar em consideração que a trajetória do biografado não esclarece a realidade da sociedade como um todo e sim é uma fragmentação desta sociedade no qual está inserido.

Sobre a linearidade na escrita de vida dos biografados, a biografia passaria como

afirma Pimenta (2009), “a assumir um tom de história fechada, estável e organizada em razão de seu final, para o qual se tem a impressão de o indivíduo estar predestinado” (p. 6), ou seja, há de se compreender os contornos na trajetória do indivíduo e seus entrecruzamentos com outras trajetórias, além as incertezas perante a vida. O biografado não realizou seus atos sabendo as consequências, os realizou pois precisou fazer escolhas durante sua vida. Sendo assim. “os vários aspectos de uma vida não são suscetíveis a uma narração linear, não se esgotam numa única representação, na idéia de uma identidade” (AVELAR, 2010, p. 162), o indivíduo não nasce pré-destinado em relação a todos os fatos de sua vida.

Na escrita do texto biográfico, o pesquisador se vê de frente com seus objetivos, seu objeto e suas fontes como afirma Avelar “o biógrafo se vê numa encruzilhada narrativa ao se deparar com lacunas documentais e perguntas sem respostas” (2010, p. 161). Diante de tal fato, é que a biografia não se coloca como uma verdade única sobre a trajetória do indivíduo estudado, se destacando por “acontecimentos encadeados e uma intriga codificada por fatos reais, interpretados” (DEL PRIORE, 2009, p. 11), interpretação do pesquisador a partir dos elementos que reunir para constituir a trajetória do seu biografado.

A relação entre pesquisador e objeto estudado muitas vezes vai além da simples realização do seu trabalho acadêmico, não se pode negar a curiosidade do biógrafo sobre o indivíduo estudado, pois toda pesquisa parte de uma motivação para sua realização e necessita ser do interesse do pesquisador, para se que torne agradável e produtiva. Sobre a relação do pesquisador/pesquisa, Bellotto afirma que os biógrafos “deparam-se eles com o esperado, mas também, quase que na mesma proporção, com o inesperado; inúmeras vezes acabam até por encontrar-se a si mesmos, tanto quanto encontram, provavelmente, toda a humanidade” (1998, p. 2002), tendo em vista que conforme a pesquisa, o pesquisador pode e talvez deva se identificar com o personagem estudado e/ou seu contexto.

A narrativa autobiográfica, segundo Alberti (1991), chama a atenção para o fato escrito estar envolvido no que “é” e no que “poderia ser”. Questionamentos sobre o que deixar registrado, como se identificar perante a sociedade e principalmente a si mesmo. A indagação de “quem sou/fui” e de “quem gostaria de ser/ter sido” estão presentes nos textos autobiográficos. Não se quer dizer, que tais textos tenham algum tipo de cunho ficcional, não é está a intenção nem do autor, nem deste texto, mas sim apontar para o embate identitário do indivíduo e a escrita de si.

Sendo a autobiografia a consciência de uma narrativa sobre a sua própria existência, o acervo de manuscritos de Benício se coloca com traços autobiográficos, já que “foi o próprio narrador quem se dispôs a narrar sua vida, deu a ela o encaminhamento que melhor lhe

pareceu e deteve o controle sobre os meios de registro” (QUEIROZ, 1988 *apud* PEREIRA, 2000, p. 118). Pois como afirma Benjamin (1975), “a narrativa revelará sempre a marca do narrador” (p. 69).

Calligaris (1998) aponta dois pontos importantes sobre a questão da “verdade” na escrita autobiográfica. Primeiramente o autor faz relação sobre o sentido da linguagem produzida por cada indivíduo, ou ainda, a interpretação que cada pessoa realiza a respeito do leu ou ouviu, como a interpretação das fontes que o biógrafo analisa e a sua “conotação subjetiva”. O segundo ponto trabalhado por Calligaris (1998), diz respeito “as verdades” na escrita biográfica, no qual espera-se que eu autor tenha sido sincero ao se registrar, atitude socialmente esperada, sendo que “ato autobiográfico é constitutivo do sujeito e de seu conteúdo” (p. 49), ato de constituição da própria identidade, nem que seja a identidade que se queira perpetuar como a verdadeira. Contudo vale ressaltar as questões sobre a veracidade das biografias em sua totalidade, já trabalhadas neste texto, em relação a subjetividade do personagem e do pesquisador nesse tipo de trabalho.

Considerações

A biografia não deve ser entendida como algo linear, narrando a trajetória de um indivíduo com seu nascimento, crescimento, vida adulta e falecimento, como fatos simplesmente sequenciais. Pensando-se em elaborar estudos deste modo, corre-se o risco de cair em um abismo do engano, já que a trajetória de um indivíduo não é linear, retilínea. As nossas trajetórias são entrelaçadas por inúmeras outras trajetórias, formando redes de relacionamentos. Somos parte de cada indivíduo com quem nos relacionamos, portanto é *ilusão biográfica*, apontada Bourdieu, pensar em conseguir desvendar e narrar a história de uma pessoa, pois seria necessário estudar seus entrelaçamentos, seus percursos, suas influências.

Não se deve querer representar apenas um “eu” nas biografias, o indivíduo é um múltiplo de “eus”, a intenção nesse tipo de trabalho não é representar a história de uma vida linear e estanque, como se fosse a verdade absoluta. Pensar dessa forma é não querer enxergar possibilidades de pesquisas, questionamentos, extensões e relações que podem ser realizadas a partir do estudo de um determinado indivíduo, é desperdiçar trabalhos que podem ser realizados.

Muito se utiliza o termo “biografia” até mesmo com um tom de deboche no meio acadêmico, como se todos os biógrafos quisessem registrar seus biografados como fotografias emolduradas nas paredes. Claro, deve haver pesquisadores que pensam desta maneira, mas não são todos. Há de se pensar que a nossa própria vida pode sofrer inúmeras mudanças ao longo de um dia, inimaginável o quanto seus caminhos se modificam ao todo de uma vida, se não temos todas as certezas sobre nós mesmos, imagina querermos compreender todos os caminhos trilhados por nossos indivíduos pesquisados, o pesquisador não pode ler pensamentos, ainda mais quando o biografado já for falecido.

Como o caso de Coriolano Benício, utilizando seus manuscritos guardados e preservados em seu acervo pessoal, há de se entender que o próprio deixou registrados os fatos de sua vida, fatos estes que ele escolheu. O pesquisador não deve ao entrar em contato com o seu acervo, crer que fatos por ele descritos, foram os únicos de sua vida. Entretanto, ao pensar-se em escrever uma biografia a partir somente de seu acervo, são as fontes que se têm, os “*eus*” de Benício são os que ele quis deixar registrado e deve ser com esses “*eus*” que o pesquisador deve principalmente respeitar e compreender tais fontes e trabalhar em sua pesquisa, ou deveria o pesquisador inventar outros “*eus*” para Benício?

Lógico que não, o pesquisador deve trabalhar e vai escrever seu texto com as fontes que se tem, não é dessa maneira que temos a História? A partir de vestígios... aí que entra o papel do pesquisador, percorrer as fontes, os vestígios, os fragmentos do que se tem para elaborar sua escrita, considerando-se que é a sua versão sobre o fato/indivíduo, pois o fato/indivíduo não retorna mais (se for biografia de um indivíduo já falecido) para que possa nos elucidar possíveis dúvidas no decorrer da pesquisa, trabalha-se em cima de tais vestígios e tais fontes para a escrita de tal versão, nunca única.

Pois como afirma Le Goff, uma biografia “não é só a coleção de tudo o que se pode e de tudo o que se deve saber sobre uma personagem” (2002, p. 21), e sim, uma versão de recortes de uma realidade escrita sobre um ou mais olhares.

Segundo Pereira, “os arquivos pessoais, por exemplo, são elementos muito úteis para a construção de uma biografia, mas são apenas documentos como outros quaisquer, devendo, portanto, ser contextualizados e validados” (2000, p. 126). Cabe ao pesquisador dar “voz aos documentos”, sendo fiel a sua análise crítica ao seu conteúdo e se baseando nos seus procedimentos metodológicos para não perder ou desviar seu foco, possibilitando os leitores de sua visão sobre determinado personagem e contexto social em que o mesmo esteve inserido.

Este trabalho visou percorrer a produção científica em torno dos estudos do gênero

biográfico e das autobiografias, compreendendo os conceitos, métodos e o conhecimento acadêmico a respeito de tais estudos. Acredita-se que há muito ainda a ser pesquisado sobre o gênero na área de História, Jornalismo e Literatura, o diálogo com outras áreas do conhecimento como as Ciências Sociais, também se torna essencial para os biógrafos. Entendendo que cada área possui a sua motivação e tipo de escrita, cabendo ao pesquisador estudar e respeitar as pesquisas de outras áreas que não a sua de formação.

Para finalizar, o gênero biográfico precisa ser encarado com mais responsabilidade e ter maior abertura na corrente historiográfica nacional, para que possa ser melhor debatido questões sobre os procedimentos metodológicos a serem adotados por seus pesquisadores e que o gênero seja melhor explorado nos estudos biográficos. Há sem dúvida, muito a ser pesquisador na área, cabe aos pesquisadores interessados colocarem “as mãos na massa” e partirem para os estudos sobre o gênero e suas pesquisas. Espero que este trabalho tenha de alguma forma elucidadas algumas questões sobre os estudos biográficos e autobiográficos, ou ao menos, tenha instigado o leitor a buscarem mais informações a respeito.

Referências:

- ALBERTI, Verena. Literatura e autobiografia: a questão do sujeito na narrativa. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, 1991. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/2313>>. Acesso em: 02 abr. 2011.
- AVELAR, Alexandre de Sá. A biografia como escrita da História: possibilidades, limites e tensões. *Dimensões*. Vitória/ES, v. 24, 2010. Disponível em: <<http://www.ufes.br/ppghis/dimensoes/data/uploads/Dimensoes%2024%20-%207%20%20Alexandre%20de%20Sa%20Avelar.pdf>>. Acesso em 03 abr. 2011.
- BELLOTO, Heloisa Liberatti. Arquivos pessoais em face da teoria arquivística tradicional: debatendo Terry Cook. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v.11, n.21, p. 201-207, 1998. Disponível em: <<http://virtualbib.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2063/1202>>. Acesso em: 14 abr. 2011.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. In: SÉRIE OS PENSADORES. Textos escolhidos. São Paulo: Abril Cultural, 1975. p. 63-82.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERRERA, Marieta de Moraes (Orgs.). **Usos & abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1998.
- CALLIGARIS, Contardo. Verdades de autobiografias e diários íntimos. *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 11, N. 21, p. 44-58, 1998. Disponível em:

<<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2071/1210>>. Acesso em: 14 abr. 2011.

DEL PRIORE, Mary. Biografia: quando o indivíduo conta a sua história. **Topoi**: revista de História. Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, 2009. Disponível em:

<http://www.revistatopoi.org/numeros_anteriores/topoi19/topoi%2019%20-%2001%20artigo%201.pdf>. Acesso em 03 abr. 2011.

LE GOFF, Jacques. **São Luiz**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

LEVI, Giovanni. Os usos da biografia. In: AMADO, Janaína; FERRERA, Marieta de Moraes (Orgs.). **Usos & abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1998.

PEREIRA, Lígia Maria Leite. Algumas reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias. **História Oral**, São Paulo, n.3, p.117-127, 2000. Disponível em:

<<http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=viewFile&path%5B%5D=26&path%5B%5D=20>>. Acesso em: 08 maio 2011.

PIMENTA, Everton Fernando. O ressurgimento do gênero biográfico na História: definições e questionamentos. Mariana/MG, 2009. Encontro Memorial: nossas Letras na História da Educação, 2. **Anais Eletrônicos...** Mariana/MG, 2009. Disponível em:

<<http://www.ichs.ufop.br/memorial/trab2/h125.pdf>>. Acesso em: 01 set. 2010.

SCHMIDT, Benito Bisso. A biografia histórica: o “retorno” do gênero e a noção de “contexto”. In: GUAZZELLI, César Augusto Barcellos et al (Orgs.). **Questões de Teoria e metodologia da História**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2000.

_____. Construindo Biografias... Historiadores e Jornalistas: Aproximações e Afastamentos.

Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro, n. 19, 1997. p. 4-21. Disponível em:

<<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2040/1179>>. Acesso em 28 ago. 2010.

_____. Grafia da vida: reflexões sobre a narrativa biográfica. **Revista História Unisinos**. São Leopoldo, v. 10, n. 8, jul./dez. 2004. p. 131-142. Disponível em:

<http://www.unisinos.br/publicacoes_cientificas/images/stories/sumario_historia/vol10n8/15_historian10vol8_artigo09.pdf>. Acesso em 02 set. 2010.

SOUZA, Adriana Barreto de. Biografia e escrita da História: reflexões preliminares sobre relações sociais e de poder. **Revista Universitária Rural**: Série Ciências Humanas.

Seropédica/RJ, v. 29, n. 1, jan.-jun., 2007. p. 27-36. Disponível em:

<<http://www.editora.ufrjr.br/revistas/humanasesociais/rch/rch29n1/27-36.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2011.